

DANÇA, DESEJOS E DESCOBERTAS: A DANÇAR VIVIDA POR BAILARINOS DO GRUPO DE DANÇA UNIVERSITÁRIO DE MOSSORÓ – GRUDUM.

*Dançar é sentir, sentir é sofrer, sofrer é amar... tu amas, sofres e sentes.
Dança! (Isadora Duncan)*

Suênia Lima Duarte*
Glycia Melo de Oliveira Silva**
Camila Úrsulla Batista Carlos***

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo analisar a experiência vivenciada pelos sujeitos participantes das oficinas do projeto *InCorporArte*: GruDum, compreendendo o legado pessoal que tal vivência revelou aos bailarinos. A pesquisa, de natureza qualitativa, com caráter descritivo foi constituída por nove pessoas participantes de um ciclo de Oficinas de dança promovido pelo GruDum-UERN. As oficinas contemplaram a linguagem da dança de rua, dança afro, dança-teatro, dança popular, ballet clássico e dança contemporânea. Consideramos como integrantes do estudo as pessoas que iniciaram e concluíram o ciclo de oficinas com assiduidade. Como instrumento para coleta de dados foi utilizado o questionário e a iconografia (filmagens e fotografia). Percebeu-se que as expectativas em torno das vivências foram vividas plenamente e até mesmo extrapoladas, reverberando textos e imagens impregnados de satisfação, aprendizado, transcendência e permeados de alegria.

Palavras-chave: Dança. Formação. Educação. Arte.

DANCING, WISHES AND DISCOVERIES: THE DANCE LIVED BY THE DANCERS OF “GRUPO DE DANÇA UNIVERSITÁRIO DE MOSSORÓ”- GRUDUM

ABSTRACT: This study aims to analyze the experience lived by the people who participated at the workshops: “InCorporArte” and “GRUDUM”, touching the personal legacy that this experience revealed to the dancers. The workshops worked with the language of Street dance, African dance, Theater dance, Folk dance, Classical ballet and Contemporary dance. Nine assiduous participants who started and completed all the cycle of workshops were involved in this qualitative and descriptive research. A questionnaire and some iconography (filming and photography) materials were used as a tool for data collection. It was concluded that the dancers’ expectations around the experiences were lived fully and even extrapolated. This was seen in the texts and images presented.

Keywords: Dance. Qualification. Education. Art.

* Mestre em Educação pela UERN. Professora do Departamento de Educação Física do Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia da UERN. Coordenadora do Grupo de Dança Universitário de Mossoró (GruDum).

** Mestre em Educação Física pela UPE/UFPB. Professora do Departamento de Educação Física do Campus Central da UERN. Colaboradora do Grupo de Dança Universitário de Mossoró (GruDum).

*** Mestre em Educação pela UFRN. Professora do Departamento de Educação Física do Campus Central da UERN. Colaboradora do Grupo de Dança Universitário de Mossoró (GruDum).

1 PARA INICIAR...

A sociedade contemporânea tem apostado progressivamente na formação humana diante do conhecimento prático, palpável e racional. Esse texto discorre de uma compreensão distinta a tal valorização contemporânea. Não a negamos, no entanto, enquanto educadoras, percebemos a formação humana sendo constituída a partir de uma concepção mais ampla de educação. Entendemos que a educação não perpassa apenas à dimensão formal de ensino, já que a prática educativa também pode ocorrer em *sentido amplo* (LIBÂNEO, 2013), a qual se manifesta de diferentes formas e em diversificadas instâncias sociais. Nessa perspectiva entendemos que a formação humana concerne uma multiplicidade de conhecimentos, os quais, sejam de ordem racional ou sensível, se consolidam corporalmente.

Parafraseando Rubem Alves (2014), o corpo carrega duas caixas: a Caixa de ferramentas e a Caixa de brinquedos. Para o autor, ferramentas são melhorias do corpo e estão associadas a utilidade, tais como objetos (sapatos, escovas, carros, computadores etc.) ou habilidades como andar, falar, construir. Os pais ensinam aos seus filhos como usar tais ferramentas. No entanto, com o passar do tempo, muitas ferramentas, objetos e seus usos se tornam obsoletos e são retirados da caixa por não terem mais uso. Já a Caixa de brinquedos, para Rubem Alves, é preenchida com coisas inúteis, coisas que não são utilizadas, que não são ferramentas. Diz respeito à ordem do amor. Porque não são para serem usadas, mas para serem gozadas. O sentido da vida não se justifica pela utilidade, mas sim pelo prazer e pela alegria de viver.

O amor pode ser assim sentido como uma vontade de potência que nos abastece de sentido e desejo para a vida, não sendo a única fonte de potência necessariamente para todos.

Pensar em uma formação que desperte reflexões em torno das peculiaridades que nos constituem como humanos, nos faz acreditar que estamos oportunizando uma formação que tem como foco o amor. Despertar no corpo e pelo corpo a *força de potência* como propulsora para o encontro consigo e com o outro, em um constante movimento de superação e reconhecimento individual e coletivo constitui a formação desenvolvida ao Grupo de Dança Universitário de Mossoró (GruDum). Uma formação que transcende a formação técnica e de pré-concepções estéticas

corporais do bailarino, uma vez que valorizamos a formação do bailarino como uma aprendizagem tecida no corpo em movimento, por meio de um dançar orgânico, uma dança aliada com a vida.

O movimento não é simplesmente a expressão anatômica e mecânica do ser, mas a expressão dotada de significação e intencionalidade. Essa intenção e significação atribuem a originalidade do sujeito expressa pelo movimento.

Realizar um movimento não é, pois, ser capaz de repetir gestos padronizados, mas sim ser capaz de apreender o em torno, o mundo humano. Realizar um movimento é realizar os projetos de nossa existência, é saber-se enquanto ser de potencialidades originais (NÓBREGA, 2009, p.72).

Essa compreensão de Nóbrega, que abarca a intencionalidade do gesto, da expressividade corporal, nos faz refletir sobre a cultura de movimento. A proposta advogada por Kunz (1991) ultrapassa a concepção de movimento humano relacionado a um fenômeno meramente físico, tido estritamente como um deslocamento do corpo no espaço. Ao considerar o ser humano que realiza o movimento, a proposta do autor, passa a reconhecer as significações culturais e a intencionalidade do movimento humano. Há a superação da visão mecanicista do corpo. Este que é inseparável do mundo em que vive.

Nesse sentido, fomentamos a dança como “uma possibilidade de manifestar o corpóreo, o sensível, o estético; dimensões estas negligenciadas ou tidas como menos importantes no pensamento educacional do ocidente, marcado pela forte priorização do racional em detrimento da sensibilidade” (PORPINO, 2006, p. 15). Assim, a dança é percebida como um caminho possível para o encontro com o amor, com o sensível e o poético.

Dança, vida e amor estão entrelaçados com a natureza que nos torna humanos. Amar é uma experiência que nos apresenta a nós mesmos. E quem vivencia uma autodescoberta, descobrirá a vida. A dança revela-se como uma possibilidade sensível de desfrutar tal experiência; seria uma mobilizadora de vivências humanizadoras para um encontro com a vida.

[...] Pensar a dança é pensar nos muitos momentos em que a comunicação escrita ou falada não foi suficiente para expressar as angústias ou o desejo de poetizar. Se a dança fosse um texto escrito, poderia ser uma poesia; se fosse um discurso falado, poderia ser uma declaração de amor à vida; mas

sendo gesto, a dança só pode ser o próprio bailarino em movimento dançante. Aí está a sua peculiaridade, a sua sutileza e a sua riqueza, pois, para além dos múltiplos códigos atribuídos ao dançar, será sempre na gestualidade do corpo que ela poderá ser compreendida pelo homem (PORPINO, 2006, p.28).

Imersas nessa perspectiva, acreditamos em uma dança, que possa ser sentida, refletida e apreendida no corpo em movimento, e para isso pensamos a dança enquanto linguagem expressiva, pensamos nela como arte. A arte como criação, possibilidade, movimento constante; como expressão do que pode ser sentido, imaginado e elaborado (BARRETO, 2008).

Na dança os sentidos se entrecruzam, transformando-se e gerando novos sentidos infinitamente (PORPINO, 2006). A dança faz sentido e cria novos sentidos, tanto para aquele que dança quanto para aquele que a aprecia, desde que esta seja refletida e sentida.

É com esse fôlego, que surge o projeto de extensão vinculado ao curso de Educação Física do Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia da Universidade do Estado do Rio Grande de Norte (CAMEAM/UERN) em parceria com a Direção de Arte, Educação e Cultura (DECA/PROEX/UERN), intitulado *InCorporArte*. Por meio dele oportunizamos uma formação diferenciada para os bailarinos do GruDum, ancorada em uma aprendizagem sensível por meio da dança.

O GruDum não surgiu com o projeto *InCorporArte*, sua história e representatividade artística para a UERN e a cidade de Mossoró caminha para a segunda década de vida, percurso marcado pela fluidez e recomeços, mas sempre fiel à dança contemporânea.

Com esse novo olhar, a dança vivenciada no GruDum se manifesta como linguagem artística, compreendendo-a como expressão do que pode ser reelaborado, a arte no sentido de atribuir significados e re-significados para a vida. Nesse contexto, nos apropriamos também da tese defendida por Porpino (2006) de que a dança é educação; é nessa perspectiva que pautamos o trabalho vivenciado no GruDum, uma vez que entendemos a dança, a educação e a arte como vivência fascinante da criação de sentidos personalizados.

O projeto *InCorporArte* contempla tanto a comunidade interna da UERN como a externa. O projeto tem como objetivo propiciar vivências corporais oportunizando ao sujeito a capacidade de ampliar conhecimentos de mundo, através da linguagem

artística da dança. Para tal dividimos as ações em cinco momentos formativos, a saber: 1. Oficinas vivenciais; 2. Aulas semanais; 3. Participações em eventos científicos e festivais de dança; 4. Leitura e discussão de literaturas sobre a condição humana, formação e dança; 5. Produção de um espetáculo de dança.

Trazemos aqui os primeiros escritos referente ao Projeto *InCorporArte*, os quais referem-se às vivências realizadas nas oficinas de dança, a saber: dança de rua, dança afro, dança-teatro, dança popular, ballet clássico e dança contemporânea. Essas oficinas tiveram o intuito de oportunizar aos participantes a vivência de linguagens artísticas que proporcionassem descobertas de limites e de possibilidades individuais e grupais; o reconhecimento do próprio bailarino e sua identificação com a arte do dançar. Além disso, por meio das oficinas foi composto um novo corpo de bailarinos, os quais se integraram oficialmente ao GruDum devido ao interesse, disponibilidade demonstrados com sensibilidade no transcurso das vivências. Esse novo corpo de bailarinos foi composto por acadêmicos da UERN e estudantes da Educação Básica da cidade de Mossoró/RN. Vale ressaltar que essa seleção não estava focada na técnica nem na estética corporal dos envolvidos, pois o objetivo do projeto não condiz com esse tipo de olhar.

Assim, o texto tem como objetivo analisar a experiência vivenciada pelos sujeitos participantes das oficinas do projeto *InCorporArte*: GruDum, compreendendo o legado pessoal que tal vivência revelou aos bailarinos.

2 O PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa, de natureza qualitativa, com caráter descritivo foi constituída por nove pessoas participantes de um ciclo de oficinas de dança promovido pelo GruDum. As oficinas contemplaram a linguagem da dança de rua, dança afro, dança-teatro, dança popular, ballet clássico e dança contemporânea. Consideramos como integrantes do estudo as pessoas que iniciaram e concluíram o ciclo de oficinas com assiduidade.

Como instrumento para coleta de dados foi utilizado o questionário e a iconografia (filmagens e fotografia). O questionário teve o intuito do participante dissertar livremente, sem rigores acadêmicos, suas impressões, desejos, sensações e expectativas antes do início de cada oficina e após a vivência foi reaplicado o questionário para que os participantes relatassem as experiências vividas.

Figura 1 – Imagem da oficina de dança afro



Fonte: próprias pesquisadoras.

Quanto à iconografia, percebemo-la como técnica representativa para as fases tanto de coleta como de análise e interpretação dos dados, uma vez que é capaz de captar e interpretar a realidade, procurando entender às peculiaridades da linguagem visual para analisar o efeito das imagens sobre a vida social, seu lugar nas representações e nos sistemas simbólicos (ALEGRE, 1998).

No total as cinco oficinas foram distribuídas em cinco semanas sequenciais, que tiveram duração de 4/horas, sendo distribuídas em dois dias na mesma semana.

Para a análise dos dados utilizamos a técnica de análise de conteúdo, a qual “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado” (MINAYO, 2004, p.209).

Figura 2 – Imagem da oficina de dança contemporânea



Fonte: próprias pesquisadoras.

Nesse sentido, buscamos detectar a contagem de frequência dos argumentos apresentados pelos sujeitos estudados, dando significado e definindo o caráter do discurso. Estabelecemos núcleos de sentido a partir dos dados obtidos na entrevista e da linguagem visual expressa pela iconografia, na busca de ordenação da realidade investigada na intenção de apreendê-la conceitualmente (BARDIN, 2004).

3 O SENTIDO DO VIVER A DANÇA: EXPERIÊNCIAS RELATADAS POR BAILARINOS NAS OFICINAS DO GRUDUM

A vida vai ficando cada vez mais dura, perto do topo (Frederick Nietzsche)

Os resultados a seguir apresentados se consolidam a partir da análise dos dados em torno dos desejos e descobertas revelados pelos bailarinos. Desejos e descobertas num processo de intercessão com a vida e a dança. Assim, o foco foi compreender o sentido, as impressões e legado pessoal que as experiências vivenciadas nas oficinas de dança do projeto *InCorporArte: GruDum* proporcionaram aos participantes e hoje bailarinos do Grupo. Esse é um momento inspirador e extremante desafiador, uma vez que o propósito das oficinas transcendia rigores

técnicos, nos conduzindo ao desejo de proporcionar vivências significativas e, acima de tudo, sensíveis.

Manteremos o anonimato dos sujeitos participantes como forma de preservar suas identidades. Desse modo, os denominaremos a partir de uma classificação numérica, estabelecida pelas próprias pesquisadoras como forma de organização dos dados apresentados.

3.1 DESEJOS E DESCOBERTAS: O PULSAR DO CORPO NA DANÇA

Por meio dos relatos começamos uma tentativa de desvelar o humano nos sujeitos investigados, percebendo que por meio das vivências nas oficinas iniciou um processo formativo atribuído de significações. Para alguns, talvez, essa experiência só vai ser atribuída um sentido consciente com o passar do tempo, sendo este um momento singular na vida deles. O momento não no sentido linear, mas como algo impregnado de sentidos que só serão percebidos pelo *autor* com o passar do tempo. Momento na perspectiva apresentada por Hess (2004), não no sentido linear, mas no sentido mobilizador do agir, por ter sentido e significado efetivo na formação de quem somos e nos tornamos.

De fato, os momentos firmam-se num tempo e num espaço, podem ser curtos ou longos, mas sua intensidade é decisiva na construção de possibilidades para nossa afirmação. Isso foi percebido nos relatos:

Após todas as vivências me sinto chamada a participar e conhecer mais sobre tudo que pude viver (Bailarina 8).

A vivência de todas as oficinas foi algo impressionante, me agradei a cada momento e envolvimento, todas as oficinas foram espetaculares [...] (Bailarino 1).

Percebe-se na fala dos bailarinos, significativa representação da dança às suas histórias de vida, convergindo para o objetivo traçado ao Grupo. Nesse sentido, a dança para esses sujeitos analisados, torna-se uma linguagem artística potencializadora de pensar a vida, a partir de suas vivências com o próprio corpo; torna-se uma possibilidade de adquirir conhecimentos incorporados ao fazer cotidiano, concretizando-se na transformação pessoal, como evidenciado nas falas a seguir:

Espero levar todas as técnicas aprendidas para além da dança, para a vida. As oficinas realmente me modificou emocionalmente (Bailarina 5).

Espero levar a vivência por toda minha vida e fixar a dança nas minhas rotinas (Bailarina 2).

A linguagem expressa no corpo permite ao bailarino a comunicação com o outro e consigo mesmo, em constantes descobertas. Descobertas! Essa foi uma palavra recorrente nas falas dos bailarinos. Percebemos o significado revelado nessa palavra como algo de grande representatividade, uma vez que se revelou nas oficinas um momento de reconhecimento de limites e possibilidades individuais, num constante aprendizado individual, assim como a aprendizagem com o próximo e com o grupo. A sensibilidade contida no dançar permitiu um reconhecimento mútuo e recíproco entre o bailarino, o outro e a dança.

Foi algo surpreendente participar dessas oficinas uma forma de me descobrir. Descobri uma paixão pela dança afro na qual não conhecia, tive a oportunidade de aprender sobre diversas culturas através das danças populares. Foram as melhores semanas de vivência (Bailarina 6).

O ritmo do tambor me chama, assim senti um batuque no meu coração quando descobri como maravilhoso é a dança afro, simplesmente, apaixonei por essa dança, arrisco-me a dizer que não só me encantei por ela, mas por todas que tive o prazer de vivenciar durante as oficinas, durante essas semanas. Só posso agradecer pela oportunidade e pela chance de mostrar como sou bom em aprender novas coisas. Tudo foi ótimo e intenso (Bailarino 4).

Sobre a experiência da dança e dinâmica da vida, trazemos Porpino (2006, p.113) que afirma: “o corpo conta a sua história no dançar. Porém, conta uma história não linear, já que a história do corpo é repleta de discontinuidades, sua realidade é diversa, multifacetada, imprevisível e cheia de surpresas”.

A arte pode contribuir de forma significativa ao processo de autoconhecimento, possibilitando uma aprendizagem sustentada na criatividade e na sensibilidade, despertando um humano cada vez mais humano, com dores e prazeres, alegrias e tristezas, sanidades e loucuras que nos implica. Isso foi sentido na realização dessas oficinas, um humano sendo revelado e acima de tudo sendo reconhecido diante de forças antagônicas. O medo, a força pulsante, as fragilidades, o sensível, os limites e desafios foram expressos e vivenciados no corpo. Esses

sentimentos e sensações permitiram ao bailarino o autoconhecimento, possibilitando perceber-se no mundo como presença viva e real do ser.

O verdadeiro amor conduz, então, a uma (re) descoberta de si, porque quem não descobre a si mesmo, jamais descobrirá o outro. E quem não descobre a si próprio não descobrirá a vida. Processo árduo, mas uma necessidade humana, a vida precisa ser sentida.

Foi muito mais do que eu esperava, muito maravilhoso poder se sentir viva, não há palavras que descrevam, pois dançar é tudo pra mim (Bailarina 3).

O desejo apresentou nas falas dos investigados em diferentes momentos com diferentes significações: a da esfera do sentir como também de repulsa. O desejo se apresenta de forma paradoxal no ser humano, muitas vezes por acreditar que este desejo possa ser possuído. Não temos como possuir um desejo, mas sim vivencia-lo como próprio motor da vida, sem ele morreremos em vida.

Desejo é a busca pela completude. Desejo humano move o ser, razão e emoção, real e imaginário. Nesse sentido, desejo é a aspiração do humano em busca da sua identidade humana. Nesse sentido, Leloup (2010) diz que devemos reconhecer o desejo, como próprio motor da vida e alerta para tomarmos consciência da sua natureza.

Na fala do bailarino a seguir percebemos o desejo como mola propulsora para desafiar-se e ir à busca de atingi-lo. Em *“A vida em comum: ensaios de antropologia geral”* Tzvetan Todorov fala que o ser humano tem três desejos que o constitui. O de ser aprovado, o de ser valorizado e o de ser reconhecido. Esse último, só é possível na presença do outro, pois é o olhar do outro que me reconhece (TODOROV, 2014). Nesse sentido o outro me salva ao mesmo tempo que me condena, estamos presos ao outro. O bailarino 4 odiava o desejo de desejar, percebe-se na fala que o mesmo estava condenado ao outro, pois era a falta de apoio que o impedia de seguir na tentativa de realizar seu desejo: dançar. O sujeito se fez presente a partir de sentidos e necessidades própria, possibilitando desenvolver uma singularidade e consciência em direção da autoria.

Sempre fui apaixonado por dança de rua, na adolescência assistia ‘Ela dança, eu danço’ com um ar de admiração, fascinado e impressionado com os passos e acrobacias que os dançarinos faziam, e eu pensava comigo

mesmo: 'um dia irei fazer aulas de dança de rua! Porém, sempre odiei esse meu desejo, por falta de apoio até que vi o cartaz das oficinas e não perdi mais tempo. O que realmente quero é aprender pelo menos o básico de street dance, mas nada me impede de ter aulas de balé ou valsa, quero conseguir o maior número de experiências possíveis (Bailarino 4).

As oficinas vivenciadas oportunizaram à esse bailarino 4 o que podemos denominar de uma *aprendizagem existencial*, aquela voltada para o aprendizado não somente de fórmulas ou pensamentos prontos, mas do processo de elaboração e aprendizagem para si (BARBOSA, 2010). Desse modo, estamos num eterno aprendizado de ser quem somos.

Vale ressaltar que o desejo também se fez presente na fala de outros bailarinos antes da vivência das oficinas, como revela as falas a seguir:

Quando soube da oportunidade de participar de uma aula de dança fiquei extremamente feliz, pois desde muito cedo esse já era um desejo meu. Espero absorver todos os conhecimentos possíveis aqui, e que eu possa fazer parte deste grupo de dança (Bailarina 6).

Acredito que essa oficina irá me proporcionar várias experiências e eu desejo vivencia-las e levar muitos aprendizados, além de querer participar do Grudum (Bailarina 8).

Nesse sentido, começamos a perceber, que o desejo presente nesse grupo, os movem para se sentir vivos. Segundo Freud (2004) o desejo é sustentado por aquilo que nos falta. O desejo assim vem como necessidade de completude, de preencher algo em falta. Para esse preenchimento, ou para sentir a concretização de um desejo, busca-se a sensação de prazer.

A partir das oficinas propostas pelo Grudum, eu espero me realizar de forma prazerosa com essa oportunidade. A dança é uma forma da linguagem corporal de cada um, expressando sentimentos, etc. espero aprimorar meus conhecimentos a respeito da dança e fazer dessa vivência algo que contribua com meu futuro acadêmico (Bailarino 1).

A arte, talvez seja buscada por muitos para atingir essa sensação de prazer e preenchimento humano, sendo ela a que consegue articular dois princípios que estrutura a *psique* humana, o princípio do desprazer e do prazer, e o da realidade.

De acordo com as ideias de Freud (2004) por não se enquadrar no contexto em que está inserido (princípio da realidade), o artista reporta-se para o mundo da fantasia (princípio do prazer), onde reproduz aquilo que pertence ao contexto em

que está inserido (princípio da realidade). Para ele o princípio do desprazer e prazer, conhecido também como princípio do prazer, é considerado um processo psíquico primário, enquanto o princípio da realidade é um processo secundário. O primeiro conduz à fantasia. Isto é, o nosso inconsciente, através de algumas estratégias como os sonhos, por exemplo, fomenta uma representação psíquica daquilo que deseja. No entanto, apenas pensar sobre o que desejamos não nos satisfaz. Por consequência, voltamo-nos para o mundo real. Assim, surge o princípio da realidade: lidar com as situações que vivemos no cotidiano, mesmo que desagradáveis (FREUD, 2004).

Por isso, apostamos nas contribuições da dança enquanto arte, pois ela consegue estabelecer articulações entre imaginário e realidade, fazendo-nos perceber que toda realidade alimenta a produção do imaginário, das fantasias, dos devaneios, da mesma forma que todo imaginário guarda o gérmen da realidade.

Dançar conectando a vida à fantasia torna-se um recurso de um grande potencial humanizador. Pensando a humanização numa perspectiva que ultrapassa o aspecto meramente biológico. Morin (2007), afirma que a condição humana não se restringe a esse aspecto, a condição de ser humano é ser biológico, ser cultural, ser histórico, ser psíquico, ser social, ser um ser com emoções e sentimentos. É Ser *sapiens* – movido pela razão, pela objetividade, pela lógica – mas também Ser *demens* – movido pelos sonhos, pelos devaneios, pelas fantasias, pelas loucuras. Ser *sapiens-demens* (MORIN, 2007). Esse Ser *demens* se fez presente nos relatos, acreditamos que aquele que busca a arte, já seja em boa medida impulsionado por falas profundas desse *ser-demens*, vejamos:

“Bom! Espero aprender muito com todos os professores de cada dança e que tudo que eu venha a vivenciar em cada aula eu leve para minha vida pois dançar para mim é expressar tudo que sinto poder dançar para sentir que tenho o controle de mim em todas as situações e espero poder ingressar no grupo!!! Estou muito entusiasmada” (Bailarina 3).

Para mim a dança significa muito, então poder ter tido a oportunidade de participar dessas variadas oficinas, me fez ficar muito feliz e realizada. As expressões, os sentimentos vividos em cada oficina propiciaram muitas alegrias (Bailarina 5).

Ser *demens* é viver o lado poético da vida. Dançando em um rodopiar de pensamentos, seguidos de arabescos e *deboulés*. No tablado da imaginação. Porém

estamos esquecendo ou desistindo da poesia de viver, em virtude do estado prosaico da vida. Estamos nos esquecendo de que a poesia se esconde no extraordinário que há no ordinário do cotidiano. Para Morin (2008) o estado poético da vida, é vivenciado por meio das festas, das cerimônias, da *dança*, do canto, da literatura e da poesia. Nesse sentido, dance!

4 NOTAS DO FIM DE UM BELO INÍCIO!

O principal é – ame aos outros como a si mesmo, eis o principal, só isso, não é preciso nem mais nem menos: imediatamente você vai descobrir o modo de se acertar (Fiódor Dostoiévski).

Finalizamos esse texto com o olhar de que começamos a refletir de forma acadêmica a formação oportunizada aos integrantes do Grupo de Dança Universitário de Mossoró – GruDum. Formação entendida numa perspectiva ampla, considerando elementos científicos, sensíveis e humanos, numa associação visceral entre ensino, pesquisa e extensão.

O ciclo de oficinas oportunizado pelo projeto *InCorporArte* – uma das ações do projeto – buscou primordialmente formar um novo corpo de bailarinos para o GruDum, dialogando com diferentes linguagens da dança, seduzindo sujeitos que tivessem disponibilidade e desejo de vivenciar a dança como arte, por meio da linguagem da dança contemporânea.

As experiências vividas pelos participantes destas oficinas revelaram variados elementos que nos fazem refletir a dança enquanto elemento pulsante da vida, como território do sensível. Percebeu-se que as expectativas em torno das vivências foram vividas plenamente, e até mesmo extrapoladas, reverberando textos e imagens impregnados de satisfação, aprendizado, transcendência e permeados de alegria.

Essa constatação nos faz acreditar na opção epistemológica advogada para essa nova configuração do grupo, bem como a compreensão mais ampla do projeto, assim como a dança. Pensar e viver a dança implica reconhecer as múltiplas significações do ser e do conviver, da educação, da arte, do amor, do humano.

Mas esse foi o primeiro passo, primeiro espaço, primeiro gesto e ainda há muito o que ser dançado, sentido e escrito. Terminamos felizes pela concretização desse encontro com a dança, com a multiplicidade de histórias, com o amor! Pois, o que é o amor, se não encontros ininterruptos de momentos alegres com a vida.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. *Educação dos sentidos e mais...* 10. ed. Campinas: Verus, 2014.
- ALEGRE, M.S.P. Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual. In: FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. L. M. (Org.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papyrus, 1998.
- BARBOSA, J. G; HESS, R. *O Diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo*. Brasília: Liberlivro, 2010.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BARRETO, D. *Dança: ensino, sentidos e possibilidades na escola*. Campinas: Autores Associados, 2008.
- FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- HESS, R. A teoria dos momentos contada aos estudantes. *Educação e Linguagem*. São Bernardo do Campo: UMESP, v. 1, n. 1, p. 26-44, 2004.
- KUNZ, E. *Educação física: ensino & mudanças*. Ijuí: UNIJUI, 1991.
- LELOUP, JEAN-YVES; BENSALID, C. *O essencial no amor: as diferentes faces da experiência amorosa*. São Paulo: Vozes, 2010.
- LIBÂNEO, J.C. *Didática*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- MINAYO, M.C.S. *O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MORIN, Edgar. *O Método 5: a humanidade da humanidade: a identidade humana*. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- _____. *Amor, poesia, sabedoria*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- NÓBREGA, T.P. da. *Corporeidade e educação física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito*. 3. ed. Natal: EDUFRN, 2009.
- PORPINO, K.O. *Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética*. Natal, EDUFRN, 2006.
- TODOROV, T. *A Vida em comum: ensaios de antropologia geral*. Tradução de Norma Wimmer. São Paulo: UNESP, 2014.